



SOCIEDADE ABERTA

O círculo vicioso da austeridade



Domingues de Azevedo
Bastonário da
Ordem dos Técnicos
Oficiais de Contas

Na vertiginosa sucessão de comentários e comentaristas que vão desfilando nas televisões e nas páginas dos jornais, não é fácil identificar opiniões serenas e acertadas. Mas elas existem. O ex-Presidente da República, Jorge Sampaio, protagonizou um desses momentos ao defender que o país precisa de uma cultura de responsabilização, prestação de contas, transparência e boa governação. Não podia estar mais de acordo. Se a lógica seguida nas duas últimas décadas tivesse sido esta, não teríamos atingido este ponto de rutura que o Orçamento do Estado para 2014 espelha de forma cruel e até cínica.

A estratégia subjacente ao documento que se apresta para ser discutido no Parlamento é clara: o agravamento fiscal encapotado por via dos cortes. Cortes estes que vão ter reflexos no IRS arrecadado, sendo de estranhar que as previ-

sões de cobrança deste imposto se mantenham otimistas. A estabilização das tabelas de IRS para 2014 não é, ao contrário do que se podia pensar, uma boa notícia. Com os ordenados cada vez mais magros, e o dinheiro a valer cada vez menos a carga fiscal vai continuar a ser um fardo pesado. Demasiado pesado.

Obviamente que é legítimo insistir no argumento que é preciso manter o rumo da política de consolidação orçamental e qualquer cidadão consciente e responsável admitirá que é inevitável equilibrar as contas públicas. Não se discute. O que dói a alma é que a «coerência» (para lhe chamar de alguma forma) de políticas, continue a fazer recair os sacrifícios sobre os que menos têm. No fundo, os de sempre.

Este Orçamento tem no seu âmago uma opção clara de condução da causa pública e quiçá uma agenda política oculta. Deixa de fora do esforço os mais fortes, chegando a apresentar uma medida que isenta de impostos os grandes grupos económicos, e sobrecarga os que trabalham por conta de outrem.

É este círculo vicioso que tarda em ser quebrado se continuarem a ser adiadas “ad eternum” as medidas e as soluções criativas para nos içar do poço onde caímos. Estes cortes vão potenciar a queda do consumo privado e somar

indolência à economia. Mais do mesmo. A metodologia seguida pelo governo é como o antigo slogan de um conhecido jogo: “é fácil, é barato e dá milhões”, – assentando numa dose massiva de impostos cuja terapia de desintoxicação levará muitos anos a fazer efeito.

Perante o descrito, a cultura de responsabilização, prestação de contas e transparência de que falava o ex-Presidente Sampaio, continua ausente. Onde estão os anunciados orçamentos dos serviços do Estado a custo zero? E a análise pública e criteriosa dos gastos do Estado? Isto já para não falar de que somos confrontados com atos de aparente legalidade e formalidade, que, na essência, estão eivados de interesses obscuros e complexos.

Nos últimos tempos recuámos várias décadas e ultrapassámos princípios, valores e limites que jamais podiam ter sido cruzados. A inversão dos valores da dignidade humana, o objetivo referencial de qualquer sociedade, é a pedra de toque dos tempos que vivemos. É este rumo que tem de ser combatido. Mas tal só acontecerá quebrando a sucessão ininterrupta de acontecimentos a que chamamos de círculo vicioso da austeridade. ■

**Artigo redigido segundo
o novo Acordo Ortográfico**